



ASSOCIAÇÃO DE ASSISTÊNCIA
S. VICENTE DE PAULO
BRAGA

O VICENTE

Rua Campo das Parretas, nº26, 4700-418 Braga

Tel: 253 609 350 | Telem.: 935 534 759

E-mail: geral@asvp.pt

www.asvp.pt

2ª Série / Nº18 / Edição Semestral / junho 2023

Diretora: Lillian Santos Reis / Edição: Cristiana Martins

150 exemplares

EDITORIAL

O TODO E A PARTE

«O todo é superior à parte».

Foi este, como é sabido, um dos quatro princípios que o Papa Francisco elegeu como critério de análise dos fenómenos e acontecimentos sociais e eclesiais e como uma das ideias reguladoras do seu manifesto pastoral, plasmado na encíclica *Evangelii Gaudium* (2013).

Fazendo parte integrante e interativa de uma ampla rede de Instituições de prestação de serviços àqueles que deles mais carecem, pela natureza e pela gravidade das suas vulnerabilidades, não podemos deixar de ser também afetados pelos danos reputacionais das notícias chocantes e perturbadoras, veiculadas e empoçadas estrondosamente pela comunicação social, relativas às indignas e incompreensíveis situações de más práticas de tratamento de pessoas idosas, ocorridas em algumas IPSS, nomeadamente em ERPI.

À luz do luminoso princípio e critério de julgamento enunciado em epígrafe, cumpre-nos observar e afirmar que, relativamente a estes casos, como a outros, ocorridos em contextos de diferente natureza, a “parte” não pode nem deve ser confundida com o “todo”, pois tal confusão e generalização não é justa e é ofensiva da humanidade e da dignidade com que são tratados os utentes, na globalidade das IPSS.

É um facto que tais notícias provocam alarme social e lançam um véu de desconfiança e depreciação sobre estas Instituições, inspiradas e vocacionadas para cuidar dos mais frágeis, nomeadamente das pessoas idosas. Recordando a conhecida metáfora da “árvore” e da “floresta”, é evidente que o estrondo de uma “árvore” que cai é incomensurável relativamente à suavidade e serenidade natural da ondulação da “floresta”, como a rutura de um pequeno “fio” é insignificante relativamente à grandeza da “rede” que se insere.



Com a evocação deste princípio de ação e de avaliação, queremos significar que a nossa Associação não é uma ilha, isolada do continente das Instituições do Setor e da Economia Social, cujos destinatários são as pessoas idosas, e que o seu objetivo não é o lucro, sendo eloquente, a este propósito, e merecedora de ponderação a Reportagem do jornal *Público*, de 25.03.2023, intitulada «No mundo fechado dos lares ilegais quem lucra não pode cuidar» e em que uma proprietária de lar ilegal defende categoricamente esta opinião: «As pessoas preferem ser bem tratadas em lares ilegais a maltratadas em lares legais».

Com a evocação deste princípio, queremos também reforçar a visão e atuação da nossa Associação como um «todo», na teoria e na prática, sendo que a “parte” ou cada face desse “todo” poliédrico são a *Direção*, são os *Colaboradores*, são os nossos *Utentes* e são todos os nossos estimados e generosos *Associados*, *Voluntários*, *Benfeitores*, *Prestadores de Serviços*. Pensando no «todo» da nossa Instituição e em cada «parte» que o constitui, apraz-nos reconhecer, agradecer e louvar a colaboração, a participação, o apoio, a dádiva generosa e preciosa que os nossos Colaboradores, os nossos Associados, os nossos Voluntários, os nossos Benfeitores e Avençados, em sinergia com a Direção prestam à causa nobre que a todos nos inspira, motiva e move.

Inauguração da Sala de Visitas

JOSEPH e MARY MULLIN

3 de dezembro de 2022

Nesta feliz data, em homenagem aos dois generosos e queridos benfeitores, colaboradores desta obra, desde o dia da inauguração do nosso Lar, foi descerrada a placa da nova Sala de Visitas exterior, com os nomes dos beneméritos titulares, os Professores e benfeitores Joseph e Mary Mullin. E no modesto jardim da nossa casa, foi plantada uma árvore de azevinho, confiando à mãe terra as raízes dessa pequena planta, raízes que ficaram ocultas, mas das quais continuará a depender a sua vida e crescimento. Tratou-se de um gesto e de um ato eminentemente simbólicos, sendo certo que o *simbólico* é o que une, ao contrário do *diabólico*, que é o que desune e separa. Com esse gesto e com o ato da plantação dessa árvore quisemos também dar um sinal da nossa vontade de contribuir para o grande desígnio da necessidade de cuidar da sustentabilidade da casa comum do nosso Planeta.

Se a sustentabilidade é a garantia das condições de vida na Terra das futuras gerações, é também garantia daquelas que, depois de nós, continuarão a cumprir, com fidelidade dinâmica à inspiração dos nossos Pais Fundadores, a missão de cuidar dos mais frágeis da nossa família humana.

As raízes do nosso azevinho ficaram ocultas, mas quisemos simbolizar e projetar nelas tudo o que há de melhor no ser humano de todos aqueles que contribuíram e de todos aqueles que contribuem e de todos aqueles que hão-de continuar a contribuir para que a obra iniciada possa ser completada.

*Porque no fim de tudo foi compreendido, / que **aquilo que a árvore tem de florido, / Vive daquilo que tem sepultado.*** (Francisco Luiz Bernárdez, "Soneto", in *Cielo de tierra*, Buenos Aires, 1937). Sim. Compreendemos «**que aquilo que a árvore tem de florido, / Vive daquilo que tem sepultado**» e, por isso, reconhecemos, estimamos e louvamos o «presente das raízes», porque delas depende a «esperança do futuro».



À CONVERSA COM...

O Dr. José Marques Fernandes,

Atual Presidente da MAG e ex-Vice-Presidente da Direção de 2006 a 2022



VICENTE – Amigo Presidente da Assembleia Geral da nossa carismática Associação. Visionando as imagens virtuais da sua mobilidade por todos os recantos da nossa Casa e as suas variadas atuações em prol da vida do nosso Lar, ocorre-me perguntar-lhe como, quando e porquê ligou a sua vida à vida da nossa Instituição.

PRESIDENTE DA MAG – Obrigado, bom VICENTE, vigilante e diligente porta voz e mensageiro da vida e da obra da AASVP, pelo convite para mais uma das conversas que queres que fiquem gravadas na tuas Memórias, que são as Memórias do nosso Lar. Como sabes, e eu refiro muitas vezes esta evidência, a vida do ser humano na terra, a nossa vida, é simultaneamente providencial e circunstancial. A dimensão providencial é insondável e, por isso, sobre ela devemos fazer silêncio. Mas da dimensão circunstancial, podemos falar. Posso revelar-te a circunstância espacial e temporal do princípio da minha ligação à Associação/Lar de S. Vicente de Paulo. Essa ligação aconteceu, em 2002, na Universidade do Minho, onde era colega de trabalho da filha dos inspirados e laboriosos Fundadores da Associação, os saudosos e memoráveis Domingos Guimarães de Sá (03.12.1929 – 11.02. 2008) e sua clarividente e previdente esposa, Amélia Sá (14.06.1922 – 10.12.2015). Foi, pois, a filha dos Fundadores, empenhada militante da causa nobre e generosa por eles abraçada, que me convidou e motivou para ser Associado da Instituição a que seus pais deram vida e que carecia de apoiantes e colaboradores. Comove-me recordar o nome, a vida e a obra dos Fundadores, mas também me apraz recordar os colegas e amigos da Universidade do Minho que quiseram, por convite e simpatia da Dr^a Maria José Gomes, ligar a sua vida a esta Instituição. Permite, amigo VICENTE, que recorde os nomes de **Joseph e Mary Mullin** (1995), **Sérgio Machado Santos** (1995), **Licínio e Isaura Pereira** (1998), de **Lillian e seu marido Manuel Reis** (200), **Hélio e Helen Alves** (2001), de **Clara e Manuel Santa-Cruz Oliveira** (2000), de **Joanne Paisana** (2002) e de **Rosa Sil Monteiro** (2009). Confesso que, quando disse o meu tímido sim ao convite para Associado, não imaginava a dimensão que essa ligação viria a assumir, embora deva confessar também que essa ligação poderia e deveria ser bem mais

substantiva e positiva, se o meu modo de ser e de agir fosse mais interventivo e participativo do que é. Mas conto com a tua compreensão e generosidade para me relevar a falta do que de mais e melhor poderia e deveria fazer.

VICENTE – Como vê e avalia a participação de Associados Voluntários na prestação dos mais variados serviços, nomeadamente como dirigentes, na nossa Associação e em Instituições similares?

PRESIDENTE DA MAG – A circunstância da ligação a uma Instituição de Solidariedade Social e a experiência de vida que essa ligação me propiciou permitiram-me descobrir e reconhecer valores e princípios de responsabilidade humana e social que ignorava ou estavam em mim apenas em estado de latência. Um desses valores e princípios de responsabilidade é precisamente o do **VOLUNTARIADO**. Agora, reconheço que admiráveis e heróicos exemplos de «Voluntariado», de boas vontades e de vontades boas existem, desde o aparecimento do ser humano à face da terra. Se pudéssemos saber tudo o que, nas sociedades humanas, a mão direita faz sem que a esquerda saiba (cf. Mt 6, 1-8), o nosso otimismo acerca do ser humano subiria imensamente! Se as mãos voluntárias que sustentam o céu estrelado das Instituições de Solidariedade Social se deixassem cair, cairia o céu, a vida humana em sociedade colapsaria inexoravelmente. Nenhum sistema político, por mais inclusivo que fosse, poderia preencher o espaço que só a proximidade e a solidariedade humana podem preencher. O Voluntariado, também na nossa Associação, é uma pérola preciosa poliédrica, multiforme e multicolor. Espelha a forma e a cor do **serviço gratuito de Direção** e gestão exercido pelos Órgão Sociais; assume a forma e cor do **serviço generoso de animação** praticado por agentes e grupos de cultura e lazer; assume a forma e a cor da prestação de **serviços personalizados aos Utentes**, praticados por cabeleireiros, manicures, pedicures; assume a forma e a cor de **apoio aos Colaboradores**, nos momentos mais exigentes, como são os das refeições; assume a forma e a cor das **Visitas aos Utentes**, considerando que as feridas que mais lhes doem são as da solidão e sensação de abandono; assume a forma e a cor

de **doações de bens** perecíveis (alimentos) e **imperecíveis** (equipamentos), que acrescentam valor e qualidade aos serviços prestados pelos Colaboradores e pela Instituição, em geral. O Voluntariado é uma das Obras de Misericórdia e uma das Bem-Aventuranças, que assim se poderia formular: «**Bem-aventurados os Voluntários que, movidos por princípios e valores humanos, praticam gestos de solidariedade aos famintos de pão e de afeto**».

VICENTE – Antes de outras perguntas que gostaria de fazer, queria ouvir o novo Presidente da Assembleia Geral da nossa Associação, recentemente eleito, para o mandato de 2023-2026, e que já presidiu, no passado dia 15 de abril de 2023, à primeira reunião dessa Assembleia neste mandato, sobre as razões que o moveram para deixar o lugar de Vice-Presidente da Direção, que exerceu durante 16 anos (2006-2022), e o motivaram para aceitar esta nova função?

PRESIDENTE DA MAG – Um obrigado especial, amigo VICENTE, por esta pergunta, que desperta em mim complexos sentimentos e pensamentos de natureza e incidência pessoal e institucional. Como recordei na abertura da Assembleia em apreço, nesse dia 15 de abril de 2023, completavam-se precisamente 32 anos da data em que se tinha realizado a primeira Assembleia Geral da Associação de Assistência de S. Vicente de Paulo, no dia 15 de abril de 1991. No início desta primeira Assembleia a que presidi, invocámos, sem descontinuidade com a prática de todas as Assembleias anteriores, a inspiração e animação do Espírito Santo, cantando o Hino litúrgico *Veni Creator Spiritus [Vem, ciador Espírito de Deus, / Visita o coração dos teus fiéis / E com a graça do alto os purifica. / Paráclito do Pai, Consolador, / Sê para nós a fonte de água viva, / O fogo do amor e a unção celeste.*» Como é sabido, esta invocação é prática das Conferências Vicentinas e embora a nossa Associação não seja juridicamente uma Obra Social Vicentina, o seu espírito e matriz são de inspiração vicentina. Recordei que o facto de o 1º e o 2º Secretários da Mesa serem Vicentinos reforça este espírito e esta matriz da nossa Associação. Mas, o que mais me comoveu foi a recordação daqueles que, antes de mim e com bem mais densidade e autoridade pessoal e institucional, exerceram este cargo, ao longo destes 32 anos, e cujos nomes invoquei, como preito de gratidão, de louvor e de homenagem. Foram cinco esses Presidentes. Os dois primeiros, felizmente ainda vivos, mas que

ainda não tive oportunidade de conhecer, foram os



Associados **Alvarino José Barbosa de Sousa (1991-1997)**

e



Paulo Miguel Soares Antunes da Silva (1997-

2000). Mas a evocação dos três seguintes, que já nos morreram e porque os conheci pessoalmente, porque ouvi, em múltiplas oportunidades, os seus testemunhos de vida vicentina e, especialmente, os seus testemunhos sobre a vida e a obra do Fundador, Domingos Guimarães de Sá, e sobre o seu braço direito, D. Amélia Sá, despertou naturalmente em mim especiais sentimentos de saudade, de veneração e de gratidão e, simultaneamente, sentimentos de perplexidade, pelo receio de não poder desempenhar tão bem como eles a função que desempenharam, no seu tempo.

Destes outros, o primeiro foi o **Dr. Manuel Martiniano Marques Torres Silva**, que exerceu o seu mandato de Presidente, de 2000 a 2012. Creio que foi a sua ligação longa e profunda à obra de inspiração vicentina, sonhada e realizada por Domingos



Guimarães de Sá e que o Dr. Torres Silva acompanhou e apoiou com admiração e entusiasmo, colaborando decisivamente na clarificação dos Estatutos da Associação e na afirmação da sua inspiração e matriz vicentina, com autonomia relativamente a quaisquer outra Instituição, religiosa ou civil, que contribuiu eficazmente para aprofundar e consolidar essa ligação, tendo ele próprio exercido, durante cerca de 12 anos, o mandato de Presidente da Assembleia Geral.



De 2012 a 2015, foi outro histórico e venerando Associado vicentino, **António Maurício Ferreira Guimarães (04.06.1928-03.07.2018)**, que exerceu o cargo de Presidente. Também ele pode ser considerado um dos «Pais Fundadores da nossa

Associação, companheiro do Fundador, desde a primeira hora, dedicado «Cireneu» do senhor Domingos Guimarães e Sá. Tinha a manifesta vontade de viver a última fase da sua vida no nosso Lar, que era também o Lar do seu coração. Era notável a sua confissão de desprendimento do mundo e desejo de eternidade. Tendo perdido um brilhante Associado na terra, cremos que ganhámos, na eternidade, um luminoso exemplo de vida e de virtudes.

Por morte do «Sr. Maurício», veio a assumir o mandato de Presidente um outro saudoso e memorável vicentino, Associado do nosso Lar,



José Carlos Costa e Silva (20.01.1952 – 22.01.201) (2015-2019). Como está escrito no *Vicente* nº 15 (dezembro de 2021), da vida do nosso amigo José Carlos Silva - que exerceu o cargo de Presidente, de 2015 a 2019 – ficou-nos, como alguém disse, «um rasto sereno

e benfazejo»; ficou-nos o exemplo luminoso de «um vicentino de coração puro», de “um amigo discreto dos pobres, sobretudo dos «pobres envergonhados», a quem levava, às escondidas dos vizinhos, bens essenciais dos quais, sem os pedir, deles careciam extremamente. Ficou-nos também a devoção que nutria e irradiava pelo Bem-Aventurado Frederico Ozanan (1813-1853), um dos carismáticos Fundadores das Conferências Vicentinas.

É uma honra e uma grande responsabilidade ser um elo da cadeia destes cinco ex-Presidentes efetivos da Assembleia Geral da AASVP e dos três interinos – Carolina Granja Almeida (8 Reuniões), António Lopes Fernandes (1 Reunião) e Manuel Joaquim Freitas (6 Reuniões).

Embora não disponha de um plano programático de ação para o mandato assumido, declaro que gostaria de pautar a minha atuação por aqueles quatro princípios que o Papa Francisco elegeu

como marcos do seu Pontificado e que aparecem plasmados no Plano de Atividades da Direção AASVP para o ano de 2023. Declaro que colaborarei estreita e ativamente com os outros Órgãos Sociais, Direção e Conselho Fiscal, em prol do cumprimento da missão da Instituição e do seu contínuo desenvolvimento, sempre em função da prestação de serviços de cada vez melhor qualidade aos nossos Utentes.

No sentido de continuar a assegurar a dignidade e o cumprimento da função da Assembleia Geral, fiz um apelo aos participantes na primeira Reunião do mandato (2023-2026) no sentido de motivarem e incentivarem os Associados, seus conhecidos, para participarem cada vez mais ativamente nas reuniões da Assembleia Geral e, sobretudo, na vida da Associação.

E só agora me dou conta de que não respondi diretamente à questão que, caro VICENTE, me colocaste! Mas digo, em síntese, que diligenciei para ser substituído na Direção porque entendo que a rotatividade, a mobilidade e a renovação dos titulares são muito mais virtuosas do que perniciosas. Entendo que é necessário e que é bom dar lugar a outros e a experiência diz-me que as Instituições ficam a ganhar.

Acabei por aceitar desempenhar o mandato de Presidente da Mesa da Assembleia Geral por gratidão e veneração por aqueles que, antes de mim, desempenharam brilhantemente esse papel e...partiram.

VICENTE – Amigo Presidente da Assembleia Geral, obrigado pela evocação de todos os Presidentes, nomeadamente por aqueles a quem se abriu já a porta da eternidade e que recordamos com gratidão e saudade. Mas, como já vai longa esta nossa conversa, que tal continuá-la na próxima edição do nosso Boletim?

PRESIDENTE DA MAG – Mas que excelente ideia, amigo VICENTE! Acordado.

ANIVERSÁRIOS

O *Vicente* deseja um feliz aniversário, com saúde, paz e alegria a todos os Associados, Colaboradores e Residentes do Lar de S. Vicente de Paulo que festejaram o seu aniversário neste primeiro semestre de 2023, de forma muito especial aos membros da Direção da AASVP. **Eng. Helena Cohen em 03/02, Dr^a Lillian Santos Reis em 04/03, D. Maria de Fátima Gonçalves de Carvalho em 16/03, Dr^a Maria José Gomes em 21/03 e Dr. José Marques Fernandes em 05/05.**

Recordamos especialmente o aniversário natalício da nossa co-Fundadora, a **Senhora D. Maria Amélia de Oliveira e Sá, em 14/06**, data da fundação da nossa Associação e da Associada da primeira hora, **Senhora D. Olívia Leite, neste mesmo dia.**

SE FOSSEMOS MOVIDOS POR PRINCÍPIOS E VALORES...

Na sua luminosa carta encíclica *Laudato Si'* (*Louvado Sejas*), o providencial Papa Francisco reitera perguntas tão simples e tão essenciais, tão claras e tão compreensíveis, formuladas sem dúvida por tantos seres humanos bons e tantos bons líderes, ao longo dos tempos, perguntas que, por serem tão simples, quase nem pensamos devidamente nelas.

São estas as tais elementares e essenciais perguntas: - «Com que finalidade passamos por este mundo? - Para que viemos a esta vida? - Para que trabalhamos e lutamos? - Que necessidade tem de nós esta terra? - Que tipo de mundo queremos deixar a quem vai suceder-nos, as crianças que estão a nascer?» (LS 160).



A evocação destas perguntas do Papa, que no nosso tempo se faz eco do «grito da Terra» e do «Grito dos Pobres», foi-me suscitada por uma outra pergunta, desta feita formulada por um bom e verdadeiro gestor, nascido e criado na Índia, que veio para Portugal em 1989 e que, reformado em 2000, dedica todo o seu tempo ao «voluntariado em escolas de Gestão, para aconselhar jovens sobre que escolhas de carreira devem fazer». Esse gestor, chama-se Mohan Mohan e a pergunta muito simples que, sob a forma de conselho, propõe aos gestores de empresas na hora de tomar decisões é esta: «A minha avó vai ficar feliz, quando lhe contar que foi isto que fiz, ou vai ficar envergonhada?»

Claro que, onde se lê «a minha avó», pode ler-se «a minha consciência moral»; pode ler-se «o meu irmão pobre, só e abandonado»; pode ler-se «o oprimido, o perseguido, o sem abrigo»; pode ler-se «o sem pão, sem teto e sem afeto».

A evocação destas perguntas foram-me também suscitadas pelo estado de decadência moral que se infiltrou nas nossas Instituições políticas e sociais.

Só não vê quem não quer ver que a crise e decadência do sistema financeiro, do sistema de Justiça, do sistema educativo, do sistema de saúde, das instituições religiosas, da instituição familiar são, como adverte o sábio gestor de origem indiana, uma *crise de princípios e de valores*.

Pensar que a reversão do estado de decadência e a regeneração necessária das Instituições se resolvem com «regulação», com «fiscalização», com «repressão», com a famigerada «ética republicana», que ensina os infratores a tentar escapar por entre os pingos da chuva da legalidade espúria, é um rotundo embuste.

Mohan Mohan dá a entender que é necessário que no seio das instituições em crise e decadência haja um «louco» que grite que «o rei vai nu», dando o exemplo da atuação desse «louco» que, no Conselho de Administração de uma empresa como a Shell ou a BP, com lucros de milhares de milhões, em tempo de aproveitamento indecoroso dos efeitos da guerra no preço dos combustíveis, defendesse a distribuição dos lucros pelos indefesos clientes.

O clarividente e imortal pensador iluminista alemão, Immanuel Kant, confessou, na sua *Crítica da Razão Prática*, que duas coisas o enchiam de espanto neste mundo: «o céu estrelado fora dele e a consciência moral dentro dele».

A causa das causas da crise e decadência das nossas Instituições políticas e sociais está na perda desse sentido do espanto, no eclipse da «consciência moral» ou dessa voz, de Deus e /ou da Razão, que, sem cessar, ecoa no santuário interior de todo o homem, «convidando-o a amar e a fazer o bem e evitar o mal: faz isto, evita aquilo», sendo que «a dignidade do homem está em obedecer-lhe e segundo ela será julgado» (GS, 16).

J. Marques Fernandes

PEGADAS DE SANTA SENHORINHA POR TERRAS DE VIEIRA, DE BASTO E DE BARROSO



Santa Senhorinha, de Vieira, de Basto e de Barroso, é um ícone da hagiografia medieval do século X, no condado portugalense.

Em 2024, ocorre a efeméride dos mil e cem anos do seu nascimento. Em síntese, recordamos a ligação do nome de Santa Senhorinha ao mito da Ponte da Misarela, «Ponte do Diabo» ou «Ponte do Inferno», relevamos o seu «Martírio verde» no Mosteiro de São João de Vieira do Minho e evocamos a sua aura taumatúrgica ou a graça dos milagres que terá operado.

O mito da Ponte da Misarela conta-se assim:

Um fugitivo à justiça, galgando montes e vales, vê-se sitiado, no lugar da Misarela, entre a autoridade que o persegue e o rio intransponível que o tolhe. Desesperado, evoca o poder do diabo, para o socorrer, oferecendo-lhe a alma em troca do socorro invocado. Aceitando o pacto, do nada, demónio faz aparecer a pétrea e salvífica ponte, que o fugitivo atravessa e que logo se desfaz, impedindo a passagem dos perseguidores. Passado tempo, pressentindo a aproximação da morte, o pecador arrepende-se do diabólico pacto e suplica a presença do padre, para o ajudar a desfazer o que fez. O hábil sacerdote, partindo em socorro do sacrílego, mas também arrependido penitente, depara-se com o mesmo intransponível obstáculo com que se deparara o foragido à justiça. Recorrendo habilmente, para o superar, ao fingido pacto do fugitivo, vê reaparecer igualmente a volúvel ponte. Mas, desta feita, por virtude da água benta e do exorcismo, o diabo foge espavorido, deixando intacta e durável a mítica ponte.

Mas, o que mais nos interessa relevar é a ligação do mito e do rito batismal da ponte da Misarela ao nome dos santos irmãos Senhorinha e Gervásio, pois são bem mais os batizados com este nome e aqueles que por esse nome são tratados do que aqueles que se questionam e sabem justificar a escolha destes nomes e não de outros.

O que a ligação destes nomes à «ponte batismal» da Misarela revela é certamente a aura religiosa e taumatúrgica que estas duas figuras, mormente a de Senhorinha, gozavam na tradição e no imaginário populares.

[Nascimento e filiação]

Segundo as fontes biobibliográficas que consideramos fundamentais e incontornáveis para a reconstituição do itinerário existencial da figura que evocamos, Senhorinha era oriunda, por nascimento, de uma nobilíssima família do condado portugalense, a família dos Sosas. O seu pai, de nome Hufo, era o “conde e senhor do território da Vieira e de Basto, no Entre-Douro-e- Minho, da diocese de Braga. Como a mãe morrera, “deixando a sua filha Senhorinha quase uma criança de peito”, o pai, amargurado pela morte da esposa, “*manda que lhe tragam a filha pequenina, para se consolar. Quando a viu nos braços da ama, suspirou, como é costume de quem sofre, e, chorando, chamou-lhe Senhorinha, pondo-lhe um diminutivo tirado da pequenez do corpo*” (In Pereira, 1970: 113-114).

[Educação e formação no Mosteiro de S. João de Vieira.]

Desconhecendo, em concreto e em pormenor, a existência de algo parecido com um plano de estudos seguido nos mosteiros de S. João de Vieira e de S. Jorge de Basto, onde Senhorinha foi noviça e abadessa, e se neles haveria algo parecido com uma «escola monacal ou conventual», o que é certo é que, no que à nossa Senhorinha diz respeito e pelo que lemos nas *Vidas* que até nós chegaram, foi aí, pelo bom ofício da tia Godinha, que ela aprendeu a ler, para poder ter conhecimento da *Sagrada Escritura* e da *Regra*.

[Visita do bem-aventurado Bispo Rosendo à Igreja e Mosteiro de S. João de Vieira]

A vida monástica de Santa Senhorinha no mosteiro de S. João de Vieira cruzou-se com a do primo S. Rosendo, Bispo de Mondonhede, de Compostela, de Dume, e Fundador e Senhor do Mosteiro de Celanova, bem como de Visitador de vários mosteiros na Galiza e em Portucale.

“Emigração” para o paraíso.

Servindo-se da recorrente metáfora da “emigração”, diz-nos o hagiógrafo de Senhorinha que “quando [ela] chegou aos cinquenta e oito anos de idade, emigrou deste mundo para a felicidade eterna” (In Pereira, 1970:121). Exausta, Senhorinha “pede afincadamente a Deus que lhe seja concedido ser libertada da prisão e tirada do cárcere, em que estava detida” (In Pereira, 1970: 139). Embalada pelo chamamento de uma voz que ouviu vinda do Céu e pela visão que tivera da morte do Bispo Rosendo, sentindo que “em breve se retiraria para junto de Deus” (*Ibid.*), sendo dia da festa de S. Jorge, convocou clérigos e religiosos, homens e mulheres, e ditou-lhes este testamento: “Regozijai-vos e alegrai-vos com o meu gáudio e alegria, pois que hoje serei levada da morte para a vida, do labor para o repouso, pois que já o meu Senhor Jesus Cristo me chamou a Si, para eu ir com Ele” (In Pereira, 1970: 139).

[«Martírio verde» de Senhorinha nos seus Mosteiro]

Na história do cristianismo e da profissão da fé e da espiritualidade cristã, o martírio ou testemunho da mesma fé assume três formas de expressão: «martírio branco», «martírio verde» e «martírio vermelho».

Geralmente, quando falamos e celebramos os Mártires, referimo-nos a esta última das suas expressões, ao «martírio vermelho», que se traduz no sacrifício cruento da própria vida.

Do desejo de «martírio», mesmo na sua forma cruenta, viveu inflamada a jovem monja do mosteiro de S. João de Vieira. A leitura das vidas dos Santos, *maxime* dos Mártires, inflamava a alma da pequena Senhorinha, induzindo-a a querer seguir o exemplo do seu testemunho de fé e de amor ao «Mártir do Gólgota»

O ardente e intenso desejo de imitação do exemplo dos mártires e da indomável vontade de coerência da fé com as obras, assim fazia Senhorinha suspirar e exclamar: «Para que oiço os tormentos e vitórias dos mártires de Jesus Cristo [...], uma vez que os não imito?» (In Pereira, 1970: 125).

Verificando o estado de ansiedade da sua «noviça» e os efeitos indesejáveis que esse desejo de «martírio vermelho» estavam a ter na sua saúde, a prudente abadessa Godinha confortou-a com a apologia do chamado «martírio verde», nestes termos:

“Irmã caríssima, esta nossa vida monástica, se se tomar na sua severidade, que mais é senão um verdadeiro martírio? Na verdade, se examinares os feitos dos mártires, descobrirás em nós um martírio mais duradouro do que eles. Eles travam uma luta temporária, nós, uma contínua; eles são arrastados para a sua paixão, ao passo que a nossa é sem dúvida ofertada com felicidade e com resignação voluntária. [...] Portanto, filha caríssima, porque presumes em solicitar outro martírio? Cumpre a vontade de Deus, e gozarás de todas as bênçãos” (In Pereira, 1970: 153).

Confortada com a visão e a iluminação da sua mestra e guia espiritual, Senhorinha prosseguiu o seu caminho de perfeição e santidade, modelado pela penitência e pela oração, “de modo a por vezes ser tida por mártir em toda a parte” (*Ibid.*).

[Para terminar]

Queremos terminar esta evocação e memória de Santa Senhorinha com a referência ao último da lista dos seus classificados como «milagres póstumos» ou «milagres post mortem». Referimo-nos ao milagre da cura da esposa de um tal «Paio Egeas», que tinha sido acometida de cegueira repentina. Aparecendo e falando, em sonho, à filha enferma, o «já morto» pai disse: «**vai-te a Santa Senhorinha, e aí acharás lume**» (In Azevedo, 1845:475-476). E aconteceu que, recorrendo à intercessão da bem-aventurada Senhorinha, junto do seu túmulo, durante a noite, acordando, achou-se «já sã», e via toda a igreja como raios de sol, e assim deram muitas graças a Deus» (*Ibid.*).

«Oh! Senhorinha santa! Comunica-nos o teu espírito; e acende em nós o fogo dos amores que te abrasavam...» (In Baeta, 2017:162).

J.Marques Fernandes

FRATERNIDADE

«Que fizeste ao teu irmão»?



Por todos os comportamentos “fratricidas”, por atos ou por omissões, seremos ouvidos e julgados, no verdadeiro Supremo Tribunal da Humanidade e da História, o da Fraternidade, respondendo à única pergunta com que seremos confrontados:

- «**Que fizeste ao teu irmão**»?

No dia 4 de fevereiro de 2019, “, o Papa Francisco e o Grande Imã de Al-Azhar, Ahmed Al-Tayyeb - figura do maior relevo no islão sunita no Egito, - assinaram, em Abu Dhabi,

o “Documento sobre a Fraternidade Humana em Prol da Paz Mundial e da Convivência Comum”. Na sequência desse documento e por iniciativa de vários países, a Assembleia Geral das Nações Unidas (ONU) aprovou por unanimidade uma resolução que proclama o dia 4 de fevereiro como “Dia Internacional da Fraternidade Humana”, que se celebrou, pela primeira vez, em 4 de fevereiro de 2021. Antes de ser *prática*, a Fraternidade é *ideia*.

Antes ou ao mesmo tempo que é ação, a Fraternidade é uma visão do ser humano e uma bem fundada convicção.

Para ser ideia, para ser convicção e para ser ação prática, é necessário que o *outro* não seja considerado um rival, uma ameaça, um inimigo, como pensava o autor do *Leviathan*, Tomas Hobbes, para quem *o homem é um lobo para o outro homem (homo homini lupus)*.

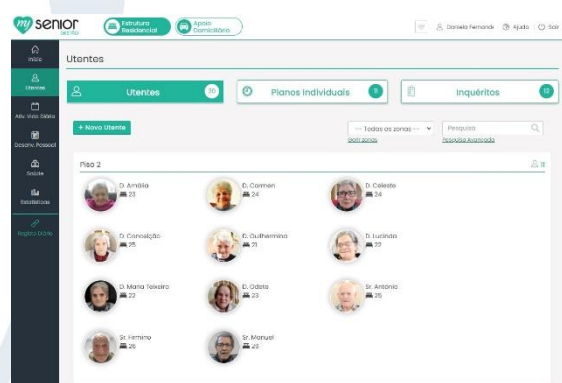
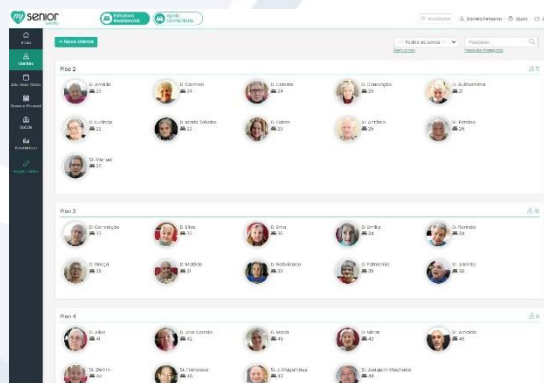
Para que a *Fraternidade* não seja um mito, é necessário que o *outro* não seja considerado um simples parceiro, um sócio ou um concorrente, como pensam os sociólogos (*homo homini socius*).

Para que a *Fraternidade* seja o que é, para que seja a única e a verdadeira forma e fórmula da Humanidade, a última fronteira para a realização da Justiça e da Paz, é necessário que o outro seja considerado e reconhecido como é verdadeiramente: um *irmão (homo homini frater)*.

J.Marques Fernandes

AASVP na vanguarda da tecnologia!

Desde Dezembro de 2022 que a AASVP adquiriu a plataforma My Senior, mais um serviço de qualidade nos cuidados prestados aos nossos residentes



O QUE ANDAMOS A FAZER CÁ POR CASA...

“As Janeiras” com o grupo CDCR/CTT/Minho



Celebração da Quaresma



Visita Pascal



“Despertar de Memórias” iniciativa da CMB, Lar Doce Lar



PASSEIOS

Visita à Quinta Pedagógica – Atelier de cozinha



Atelier Equestre



“Festa das Cruzes”



Braga Romana



“Moda Inclusiva” pelo AE de Barcelos



DIAS ESPECIAIS

Dia do PAI



Dia da MÃE



A "Horta da Felicidade"

O nosso novo espaço



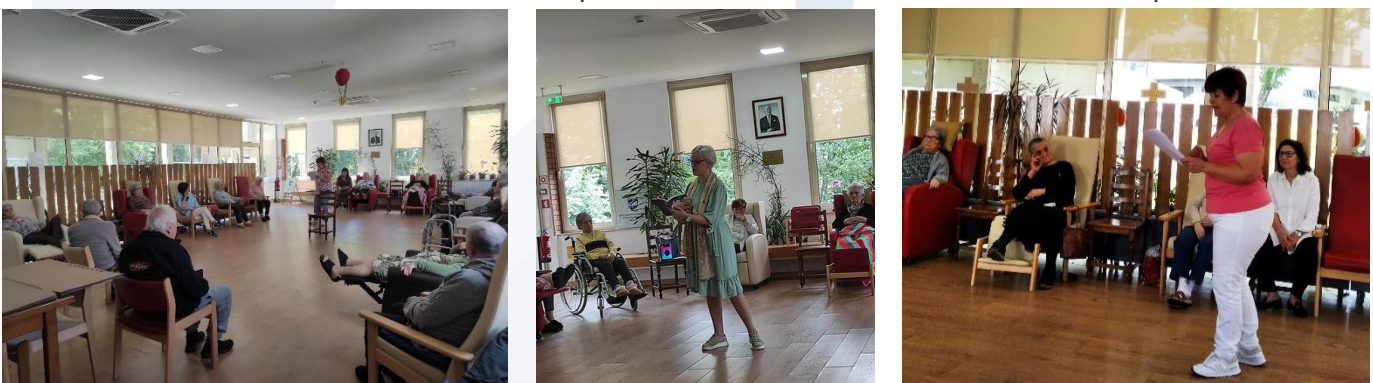
Tablets oferecidos pelo Rotary Clube de Braga-Norte
Núcleo Rotary DC Rota Solidária

Bancos e guarda-sóis oferecidos por Associados



A "Hora do Conto" Iniciativa do Núcleo Rotary DC Rota Solidária

Todas as Quartas-feiras temos voluntários que vêm cá a casa ler-nos histórias e cantar para nós



Família AASVP

